

*“Alberto
Pitta –
Outros
carnavais”,
na Galeria
Nara
Roesler
Rio de
Janeiro*

Alberto Pitta, *Sem título*, 2020
Foto: Flávio Freire

Com curadoria de Vik Muniz, a mostra reúne a produção ao longo de mais de quarenta anos do artista junto ao carnaval da Bahia, com serigrafias que vestem os milhares de foliões de vários blocos, como o Olodum, onde foi diretor artístico de 1984 a 1997

Alberto Pitta (1961, Salvador) revolucionou as fantasias do carnaval da Bahia, onde é figura central. Com curadoria de Vik Muniz, seu amigo há 24 anos, a mostra “Alberto Pitta – Outros Carnavais” faz um apanhado histórico de sua produção ao longo de mais de quarenta anos junto a vários blocos – como o Olodum, com tecidos, matrizes antigas e esboços, além de uma parte documental.

O segundo andar da galeria é dedicado aos trabalhos recentes e inéditos do artista – pinturas em serigrafia e tinta sobre tela, com predominância de tons de branco – que remetem aos bordados em ponto Richelieu que sua mãe fazia. A exposição conta ainda com uma instalação, na claraboia da galeria, composta por amostras de tecidos de seu acervo de mais de três décadas.

“Quero que as pessoas vejam o tamanho deste artista, e o que ele vem fazendo há mais de quarenta anos”, afirma Vik Muniz. “Ele já expôs na Alemanha, em Sidney, em muitos lugares. Esta mostra pode ser importante para ele, mas é mais ainda para o mundo da arte”, destaca. “Não estou fazendo nenhum favor a Alberto Pitta com esta mostra no Rio. Estou fazendo um favor para quem não conhece seu trabalho”, diz Vik.

Alberto Pitta e Vik Muniz se conheceram em 2000, na exposição “A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé”, que reunia artistas baianos e internacionais, com curadoria de France Morin, no Museu de Arte Moderna da Bahia. Desde então mantêm uma amizade próxima. Vik revela que, como artista, sempre se preocupa em como a arte se torna relevante a partir do momento em que transcende o contexto da galeria e do museu e passa a fazer parte do dia a dia das pessoas. *“Isso abriu um enorme diálogo, longo, entre Pitta e eu”, comenta.*



Alberto Pitta, *Namorados*, 2020

Foto: Flávio Freire



Alberto Pitta, *Amalá*, 2021

Foto: Flávio Freire

“A iconografia dentro do trabalho dele é muito importante, e vai-se aprendendo. É uma cartilha de significados, muitos deles discretos, porque o candomblé não gosta muito de falar, e Pitta vai soltando as coisas de forma homeopática. Pitta já invadiu o entorno do cubo branco, e agora nesta mostra queremos contar um pouco de cada coisa que ele fez”, diz Vik.

Filho da ialorixá Mãe Santinha, do Ilê Axé Oyá, educadora e bordadeira, especialista em ponto Richelieu, Pitta começou no final dos anos 1970 a criar serigrafias com símbolos e signos do candomblé e da cultura indígena, para pequenos blocos de carnaval como o Zâm-

bia Pombo e Oba Layê, do bairro onde morava, em São Caetano. A partir do início dos anos 1980, o artista passou a fazer estampas para as fantasias de vários blocos, como Badauê, Ara Ketu, Timbalada, entre outros. De 1984 a 1997, foi diretor artístico do Olodum, *“tendo passado de Paul Simon a Michael Jackson”,* brinca.

“Aprenda a ler e ensine seus camaradas”, diz ele, citando a frase do compositor Roberto Mendes, de Santo Amaro, ao explicar que escreve nos panos para quem não sabe ler. Ele diz gostar de provocar *“encontros de analfabetos”*: *“Entre os que não tiveram oportunidade de estudar, e os que são da academia, mas não conhecem os símbolos das religiões de matriz africana”*. Todo seu trabalho parte da serigrafia, com que ele também faz instalações. Em 2019, Alberto Pitta foi convidado pelo Filhos de Gandhi para criar as fantasias do carnaval que celebrava os 70 anos do bloco. Atualmente ele tem o seu próprio bloco, o Cortejo Afro.

Alberto Pitta participou da 24ª Bienal de Sidney, encerrada em 8 de junho. Os trabalhos de Alberto Pitta foram selecionados entre 116 artistas e coletivos de 45 países e territórios.

SOBRE ALBERTO PITTA

O artista Alberto Pitta, nascido em 1961, em Salvador, onde vive e trabalha, tem como elemento central de seu trabalho a estamperia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, sua produção é muito ligada a festividades populares e em diálogo com outras linguagens, como a indumentária.

Alberto Pitta começou a produzir estampas para os trajes dos blocos carnavalescos afro de Salvador já no final dos anos 1970 – estampas com signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia yorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano.

Entre as mostras que participou destacam-se as individuais *“Mariwó”*, na Paulo Darzé Galeria (2023), em Salvador, e *“Eternidade Soterrada”*, organizada pela Carmo & Johnson Projects (2022), em São Paulo. Entre as coletivas, a sua participação na 24ª Bienal de Sidney (2024); *“O Quilombismo”*, na Haus der Kulturen der Welt, em Berlim (2023); *“Encruzilhada”*, no Museu de Arte Moderna de Salvador (2022), e *“Um Defeito de*

Cor”, no Museu de Arte do Rio (2022), Rio de Janeiro. Seu trabalho figura em coleções institucionais como: Instituto Inhotim, em Brumadinho; Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro; e Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador.

SERVIÇO

“Alberto Pitta – Outros carnavais”

Até 10 de agosto

Galeria Nara Roesler

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3591-0052 | info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

<https://nararoesler.art/>

Entrada gratuita

Foto: Divulgação

